



Cemitério Vera Cruz: patrimônio, fé e devoção

Francielle Moreira Cassol¹

Resumo: O presente trabalho objetiva demonstrar a importância do Cemitério Municipal Vera Cruz enquanto espaço de memória, de sociabilidades, de rituais de passagem, de práticas de devoção, ou seja, de um patrimônio material e imaterial da comunidade Passo-Fundense, enquanto local de veneração à “santa popular” Maria Elizabeth de Oliveira. O cemitério foi inaugurado em primeiro de janeiro de 1902 e foi o primeiro cemitério municipal da cidade, desenvolvendo-se acompanhando o crescimento urbano e afastando os mortos do centro da cidade. Muitas vezes a “última morada” demonstra em sua arquitetura os interesses e preferências do finado enquanto vivo, bem como, os de sua própria família, deixando assim registrado seu nível socioeconômico ou sua posição social. Nesse contexto, possuir uma sepultura rica em ornamentos, de grande porte, repleta de esculturas e símbolos sacros pode significar proteção divina, um descanso eterno, em paz e mesmo sua distinção social, visto que, este cemitério mesmo sendo considerado como “campo santo”, é também um espaço privado e que despense certo investimento econômico. Nesse espaço cemiterial conseguir um bom lugar para ser enterrado ou mesmo adquirir um terreno é uma forma de garantir um patrimônio material, mas também de construir um lugar de lembranças e de práticas de socializações como nos enterros, velórios, um local a ser visitado e cultuado pelos familiares. O Cemitério, a devoção à Maria Elizabeth, assim como diversas sepulturas do cemitério Vera Cruz destacam-se enquanto patrimônios locais, lugar histórico, um local repleto de lembranças, memórias, valor arquitetônico, artístico, devoção e beleza.

Palavras-chave: Cemitério; Local de memória; Devoção.

Vera Cruz Cemetery: heritage, faith and devotion

Abstract: The present work aims to demonstrate the importance of the Vera Cruz Municipal Cemetery as a space of memory, sociabilities, rituals of passage, devotional practices, that is, a material and immaterial patrimony of the Passo-Fundense community as a place of veneration “Popular saint” Maria Elizabeth de Oliveira. The cemetery was inaugurated on January 1, 1902 and was the city’s first municipal cemetery, it was developed following the urban growth and removing the dead from the center of the city. Often the “last dwelling” demonstrates in its architecture the interests and preferences of the deceased while alive, as well as those of his own family, thus leaving registered his socioeconomic level or even his social position. In this context, having a grave rich in ornaments, large, full of sacred symbols and sculptures can mean divine protection, an eternal rest, in peace and even its social distinction, since this cemetery even being a holy field is also a private space and that it spends some economic investment. In this cemeterial space to get a good place to be buried or even acquire a land is a way to guarantee a material heritage, but also to build a place of memories and socializing practices such as burials, wakes, a place to be visited and worshiped by family members. The Cemetery, the devotion to Mary Elizabeth, as well as several graves of the Vera Cruz cemetery stand out as local heritages, a historical place, a place full of memories, memories, architectural value, art, devotion and beauty.

Keywords: Cemetery; Memory location; Devotion.

¹ Graduada, mestre e doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo.

Introdução

A devoção a um determinado personagem já falecido, assim como o temor da morte e do morrer são práticas que continuam existindo na contemporaneidade, refletindo, talvez o contexto e os problemas vividos por aqueles mais desfavorecidos socialmente. Além disso, deve-se pensar: O que refletem manifestações como esta? Um desabafo da população? O cansaço de tanta exploração? O medo do desconhecido? Todas essas problematizações nos fazem refletir em relação ao por que ainda recorreremos a certas explicações ou soluções? Momentos em que nos encontramos mais perto da morte, como no caso de doenças, em acidentes, como pacientes terminais, em asilos ou hospitais levam-nos a refletir sobre a finitude humana. Em quem acreditar, ao que recorrer?

Nesse contexto, torna-se necessário entender o processo da construção de uma mulher como santa, porque a cidade lhe escolheu para ser um ícone de devoção e assim também o cemitério Vera Cruz, como polo de atração. É um desses casos que discutimos neste trabalho, ou seja, reportamo-nos ao interior do Estado do Rio Grande do Sul, à cidade de Passo Fundo, na qual, em caso de problemas envolvendo saúde, amor ou desemprego, entre outros, boa parcela da população local recorre à interseção à “santa” local — Maria Elizabeth de Oliveira. Para tanto, utilizamos pressupostos de uma corrente historiográfica, a saber, a Nova História, Assim, é possível dar voz aos dominados (não vê-los só como dominados), aos que não eram contabilizados ou enfatizados na escrita da História, a partir do estudo de seus comportamentos e de suas atitudes diante da sua realidade ou sobre ela. Cabe ressaltar que a poucas décadas, temas/problemas envolvendo a morte e o morrer, as devoções populares, os cemitérios, a memória e a história oral, não eram temas escolhidos pelos historiadores.

Philippe Ariés (2003) preconizava que, desde o século XIX, já era perceptível a mudança de atitude e da mentalidade perante a morte, consolidando-se no transcorrer do século XX, denominada por ele de a “morte invertida”. Assim, durante o transcorrer do século passado pode-se presenciar, de certa forma, uma espécie de afastamento do homem da morte e dos ritos que envolviam o morrer. A morte e o morrer durante a Pré-História, a Antiguidade e a Idade Média eram coisas costumeiras e faziam parte do cotidiano dos povos, foi só nos últimos duzentos anos que o envolvimento com o morto modificou-se. Afastar-se do morrer e do morto e mesmo das pessoas moribundas, parecia ser a solução para a finitude humana, ou ao menos para afastar o medo desta. Norbert Elias, afirma que os rituais fúnebres da atualidade atestam que estes “foram esvaziados de sentimento e significado” (2001, p. 36). Na sua ótica, isso se deve principalmente ao medo da morte, especialmente a morte solitária de uma velhice abandonada, sem parentes, ou mesmo de alguém que lhes ofereça uma lágrima, uma prece, uma dor. Para minimizar o temor do desconhecido que é suscitado com o contato ou a proximidade da morte, o homem tende a se afastar, a evitar e a reprimir os pensamentos que recordam a morte, ou mesmo incorporem a fé na imortalidade. Para Ariés (2003), isso seria um retrato da prevalência do silêncio e da proibição das questões da morte, quando as manifestações aparentes de dor, pesar e luto estavam fadados à extinção. Por outro lado, o que se pode levantar até o momento é que mesmo com todo o empenho em se afastar, diminuir ou mesmo acabar com a ideia de morrer, a dor, a saudade e o crer em algo além da morte, não se extinguíram. Para a presente investigação, e para pensarmos os patrimônios cemiteriais contidos do Cemitério Municipal Vera Cruz, em Passo Fundo, fez-se o recorte a partir de três lápides, a saber: jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira, Mausoléu dos Expedicionários e Urna 78 (localizada em frente ao túmulo de Maria Elizabeth).

Cemitério Vera Cruz: uma visita ao passado

Por volta de 1835, Cabo Neves (figura “ilustre” da História passo-fundense) cedeu terras no que seria o berço de Passo Fundo, para construir o primeiro cemitério da cidade de que se tem notícia. Esse se localizava no cruzamento das atuais Ruas Independência e General Netto, ao lado da primeira Igreja que o município acolheu e local em que foram enterrados os primeiros responsáveis pela ocupação e desenvolvimento da cidade. A criação deste cemitério, em acordo com os preceitos vigentes foi destinada somente aos moradores católicos, mas, por outro lado, motivou a construção de um outro local onde pudessem ser enterradas pessoas não católicas, localizado em frente ao atual Quartel. Anos depois, com a Proclamação da República (15/11/1889), o catolicismo não mais se configurava como religião de Estado. Com isso, a necessidade da existência de dois cemitérios consequentemente se extinguiu. Ao mesmo tempo e, nesse contexto, surgiu em Passo Fundo a construção da Gare com a chegada do trem, em 1898, tornando impossível que o centro da cidade continuasse a manter o cemitério católico. Assim, o Coronel Gervásio Annes, do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), ordenou a desapropriação de parte das terras, determinando que os dois cemitérios fossem transferidos para um único lugar que seria o primeiro considerado laico.

Mesmo sendo o primeiro cemitério local considerado público, os enterros de algumas pessoas não eram permitidos, de acordo com a cultura de boa parcela da sociedade. Todos os moradores passo-fundenses não católicos falecidos não eram bem vistos no “campo santo” do primeiro cemitério. Dado esse déficit de espaço para sepultamentos, houve a necessidade de um novo local para os sepultamentos e a criação do segundo cemitério, o qual atendesse a outras culturas religiosas a partir do ano de 1840. “O espaço de enterro – também chamado cemitério luterano – foi organizado por Johann Adam Schell², imigrante germânico, e se localizava na área da atual Praça Fredolino Chimango, em frente ao quartel” (ZANOTTO, 2015, p. 35). Entretanto, na virada do século XIX para o século XX, as novas constituições e traçados urbanos, bem como, as exigências sanitárias para as cidades levou Passo Fundo à criação de seu primeiro cemitério verdadeiramente público.

O Cemitério Municipal Vera Cruz de Passo Fundo/RS³ foi inaugurado em primeiro de janeiro de 1902 e desenvolveu-se acompanhando o crescimento urbano e afastando os mortos do centro da cidade. Muitas vezes a “última morada” demonstra em sua arquitetura os interesses e preferências do finado enquanto vivo, bem como, os de sua própria família, deixando assim registrado seu nível socioeconômico ou mesmo sua posição social. Nesse contexto, possuir uma sepultura rica em ornamentos, de grande porte, repleta de esculturas e símbolos sacros pode significar proteção divina, um descanso eterno, em paz e mesmo sua distinção social, visto que, este cemitério mesmo sendo considerado por parte da população como um “campo santo” é também um espaço privado e que despense certo investimento econômico. Nesse espaço cemiterial conseguir um bom lugar para ser enterrado ou mesmo adquirir um terreno é uma forma de garantir um patrimônio material, mas também de construir um lugar de lembranças e de práticas de socializações como nos enterros, velórios, um local a ser visitado e cultuado pelos familiares. Mais de um século se passaram

2 Considerado como o primeiro comerciante do município, Johann Adam Schell – mais conhecido como Adão Schell – veio da Alemanha para o Estado e, em 1836, passou a morar em Passo Fundo. A residência onde morava e mantinha seu comércio está situada na Av. Brasil, esquina com Teixeira Soares. O prédio já reformado ainda carrega a história do comerciante através de uma placa, que homenageia e agradece Schell e sua esposa, considerados os primeiros imigrantes alemães da cidade. O estabelecimento construído e gerenciado por Schell durante muitos anos se chamava Casa para Todos e vendia principalmente artigos de cama, mesa e banho. <http://www.diariodamanha.com/noticias/ver/11430/Do+primeiro+comerciante+%C3%A0s+grandes+redes+de+varejo>

3 Segundo Monteiro (2007); Zanotto (2015), muitas das ossadas do primeiro e do segundo cemitério de Passo Fundo foram transferidas para o Cemitério Municipal Vera Cruz.

desde a inauguração do Cemitério Vera Cruz e, as práticas fúnebres, assim como, as relações com a morte em muito se alteraram.

Personagens da história de Passo Fundo, como Adão e Ana Schel, Coronel Chicuta, Coronel Lólico, Lalau Miranda e Wolmar Salton, encontram-se representados no Cemitério Vera Cruz por meio de suas sepulturas. O Presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo — Fernando Miranda, afirma ser o local um museu a céu aberto. “Por meio das construções e obras de arte, é possível saber como os passo-fundenses lidavam com a morte, sua situação econômica e política, religiosidade e etnias, entre outros aspectos”⁴, explica. Miranda destaca a riqueza das obras de arte encontradas no Cemitério, principalmente as estátuas de mármore, granito e bronze. Atualmente, um Guia de Visitação tem sido distribuído gratuitamente, promovendo novo olhar para a história local, bem como, para a chamada última morada, uma vez que o Cemitério Vera Cruz concentra amplo patrimônio artístico e histórico.

A proposta do Instituto Histórico de Passo Fundo, em parceria com o Arquivo Histórico Regional, [...] Guia de Visitação que apresenta um mapa de um percurso a ser seguido. “A ideia é que o Cemitério seja visto não com aquele olhar tradicional, de quem vai no cemitério para fazer uma visita a alguém que faleceu, mas com um olhar cultural e um olhar voltado para história”. Carregado de simbologia, mensagens e estátuas, o Cemitério Vera Cruz carrega, também, a história da cidade. O cemitério é uma fonte histórica: os personagens que participaram da história da cidade e do estado estão enterrados ali e a própria arquitetura apresenta parte de épocas vivenciadas aqui.⁵

Os traçados e as organizações sociohierárquicas contidas nas cidades foram transferidos para o desenho/organização dos cemitérios contemporâneos. Se nos centros urbanos determinadas personalidades com determinados poderes aquisitivos possuem condições para morar no centro e erguer nestes locais seus bustos e monumentos, ou seja, cristalizar suas histórias e memórias, também assim ocorre com parcelas da população que acabam tendo de ocupar locais mais distantes ou menos glamorosos, como os bairros, loteamentos, vilas e favelas. Para Zanotto apud Bellomo:

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes sociais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe no discurso, pois na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideológicas (2015, p. 40).

Essa geografia societária e essas subdivisões socioeconômicas, podem ser transpostas para os cemitérios onde estão os que são: “*sempre lembrados*”, os “*lembrados uma ou duas vezes ao ano*” e os “*esquecidos*”⁶. Pois, aqui nos interessam para além dos suntuosos túmulos – suas arquiteturas e estéticas – as histórias, as memórias, as identidades dos vivos, ou melhor, dos morrentes, a história da cidade, de seus habitantes e daqueles que por aqui passaram. Vemos desse modo, os cemitérios como locais de memória e esquecimento, mas mais ainda, de conhecimento.

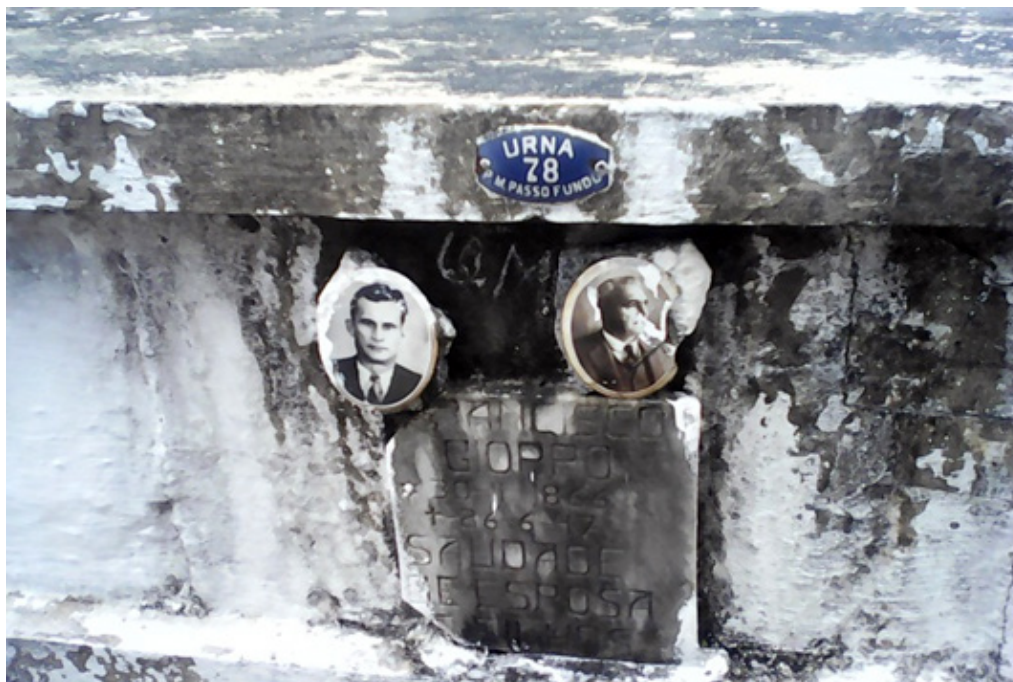
Semanalmente, muitas pessoas visitam o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira (“a santinha de Passo Fundo”), lembrando sua vida enquanto exemplo e atribuindo-lhe graças alcançadas. Por outro, a lápide que se localiza em frente ao seu túmulo, de número 78, já está sem o nome dos falecidos (Figura 1) e sem vestígios de qualquer tipo de visitação.

4 Disponível em: http://historiaupf.blogspot.com.br/2014_10_01_archive.html

5 Idem.

6 Neste estudo “os esquecidos” serão representados pelos mortos sepultados no Túmulo/Urna 78.

Figura 1: Imagem da Urna 78



Fonte: Acervo da autora.

Para muitos, a morte é o fim do homem, é o fim da vida, é o fim da História. Todavia, para algumas culturas, enquanto o espírito do morto for lembrado, for cultuado, este estará “vivo”. Sua História e sua memória estarão vivas. Ainda, segundo Chartier (2002), deve-se pensar nas lutas de classe por representação e nos mecanismos utilizados pelos grupos sociais para se imporem uns sobre os outros. Assim, túmulos, jazigos, objetos, estatuária, imagens, catacumbas, criptas, oferendas, sepulturas e às vezes cemitérios inteiros refletem quem o morto foi em vida, o que se pensa sobre o além-vida, ou o que se quer que se lembre daquele, com suas conseqüentes diferenciações sociais. Nesse contexto, a história é a ciência que pretende dar conta das transformações da sociedade, já a memória coletiva, esta insiste em assegurar a permanência do tempo e da homogeneidade da vida, como um intento de mostrar que o passado permanece. Enquanto a história é informativa, a memória é comunicativa.

Os cemitérios e túmulos enquanto espaço de memória (ou seja, um espaço físico que é suporte de um espaço imaterial e imaginário) corroboram com a possibilidade de preservação e valorização de memórias individuais e coletivas e que nos viabilizam o estudo e a compreensão do humano, de manifestações e crenças produzidas em um espaço, além de suas ideias, preferências e identidades. Isso, pois os espaços de memória são espaços que sempre evocam o passado, mas que também, muitas vezes, projetam o futuro.

Quem lembramos e quem esquecemos: memórias eleitas e deslembração

Na doutrina católica existe uma área de estudos chamada de escatologia. A escatologia⁷, também chamada de *novíssimos*, nos auxilia a pensar a morte e o morrer, tratando do destino final de todos os homens. No Compêndio de catecismo da Igreja Católica encontramos os quatro *novíssimos* que nos interessam, a saber: Morte, Juízo, Inferno e Paraíso. No Brasil, desde a chegada dos colonizadores portugueses

⁷ Mistura a filosofia e a teologia que fala sobre o destino do homem e do mundo, é estudo das profecias concernentes ao fim desta era e a volta de Cristo.

e, conseqüentemente, da colonização, a doutrina católica guiou e influenciou no tratamento dos mortos, seus funerais, orações, missas e enterros, assim como, no imaginário humano sobre os mortos e o *além-vida* e o temor a estes. Nesse sentido, segundo Schmitt,

[...] se o corpo de um afogado desapareceu e não pode ser sepultado segundo o costume, ou ainda se um assassinato, um suicídio, a morte de uma mulher no parto, o nascimento de uma criança natimorta apresentam para a comunidade dos vivos o perigo de uma mácula. Esses mortos são geralmente considerados maléficos. Essa dimensão antropológica e universal do retorno dos mortos está presente, entre outras na tradição ocidental, desde a Antiguidade, na Idade Média e até no folclore contemporâneo (1999, p. 17).

Nesse contexto, o medo da morte e dos mortos pode ser superado por meio da intermediação de pessoas consideradas com dons extraordinários, assim como Maria Elizabeth de Oliveira – A santinha de Passo Fundo. Para além da discussão patrimonial e de direito à preservação de uma memória em especial, pensar no que é preservado dentro do espaço cemiterial, muito tem a ver a como lidamos com a morte, o morrer e os nossos mortos.

Maria Elizabeth de Oliveira nasceu na cidade de Passo Fundo, no dia 6 de fevereiro de 1951. Entretanto, seus pais, Leda de Oliveira e Alcides de Oliveira eram naturais do município de Lagoa Vermelha. Em função dos estudos Maria Elizabeth veio morar em Passo Fundo com seus avós, tendo estudado no Ginásio Menino Jesus e mais tarde no Grupo Escolar Protásio Alves. A breve vida de Maria Elizabeth segundo registros destacou-se, entre outros, por participar de modo intenso da vida religiosa cidadina e da moral pregada pelo catolicismo, visto que, além de participar de coral religioso, também auxiliava os padres, na Igreja Matriz Santa Terezinha (FABIANI, 2009).

Em 1965, ano de seu falecimento, também os pais de Maria Elizabeth mudaram para a cidade, vindo a residir na Avenida Presidente Vargas, que viria a ser o lugar onde a menina sofreria um acidente em 28 de novembro daquele ano. No dia de sua morte, Maria Elizabeth encontrava-se com um grupo de amigas, na esquina das ruas Padre Valentin com a Avenida Presidente Vargas, quando em torno das 15 horas de um domingo, uma Kombi (MORENNO, 1994) dirigida por Gentil Lima subiu a calçada desgovernadamente, atropelando o grupo de jovens que ali se encontrava. Maria Elizabeth chegou a ser levada ao hospital local São Vicente de Paulo demonstrado em seu corpo externamente apenas um ferimento no pé, todavia, internamente encontrava-se com uma séria hemorragia, que a levou a óbito.

A morte brusca de uma jovem passo-fundense, com menos de quinze anos, segundo relatam os jornais e pessoas contemporâneas ao fato, chocou a cidade inteira. Logo após o ocorrido, a história de que Maria Elizabeth de Oliveira havia previsto sua própria morte, escolhido seu caixão e a roupa que “usaria por toda a eternidade” e a aceitado abnegadamente, espalhou-se rapidamente.

Entre as características destacadas por Barbosa (2001) na biografia de Maria Elizabeth há “a singularidade da menina” enquanto modelo de conduta moral, não só para as moças da época, mas para todas as futuras gerações de mulheres. Além disso, a primeira edição do livro traz várias imagens da menina, o relato do momento em que previu sua própria morte, a narrativa do dia em que ela escolheu seu caixão e o vestido em que seria enterrada, bem como, a exposição de alguns dos “milagres” ligados a Maria Elizabeth e que auxiliaram a compor o quadro de sua suposta santidade (FABIANI, 2014). Não obstante, o próprio Barbosa, seu biógrafo, relata em seu livro ter já em 1966, ou seja, um ano após a morte da “Santinha”, ter recorrido à sua interseção, inúmeras vezes e, assim, recebido graças. Também, destacamos estar presente, tanto na biografia quanto nos relatos dos

jornais locais, o fato de que, quem recorre a Maria Elizabeth ganha ou sente perfume de rosas. Sabe-se assim, que a Santinha atenderá aos pedidos. Essa presença das rosas é bem recorrente nos relatos dos fieis — diz-se que a menina, quando viva, era apaixonada por rosas vermelhas. No contexto das devoções em cemitérios, “os mortos se tornam os intermediários mais próximos para os quais apelar em caso de perigo, para levar orações e pedidos, pelo caminho hierárquico, até os grandes santos e a Madona, de onde virá a intervenção milagrosa” (VOVELLE, 2010, p. 35).

No cemitério Vera Cruz, a devoção a Maria Elizabeth de Oliveira é realizada diariamente junto a seu túmulo. Pode-se encontrar ex-votos como pagamento de promessas e por meio da distribuição de preces através de “santinhos”. A promessa estabelece a relação entre o santo e o devoto. Nesse contexto, a função do milagre é mudar a realidade em um curto espaço de tempo. Essa relação pressupõe que o devoto deva oferecer algo em troca para receber o que precisa. A Igreja reconhece o ato de distribuição de milhares de “santinhos” como meio de promover e propagar as devoções. Nesse contexto, se deve atentar para o fato de que o limite é bastante tênue, entre o que é devocional institucionalmente e o que não o é.

No que se refere ao uso das imagens, estas são consideradas extremamente importantes e estratégicas no convencimento sobre o santo e na propagação da fé. As imagens da “santa” auxiliam o devoto a materializar a crença e focar seus esforços no crer sobre o extranatural. Essas imagens estratégicas não se restringem somente ao santo ou santa, mas também na arquitetura do próprio cemitério, nos jazigos e nas esculturas neles presentes, que são carregados de efígies repletas de traços de emoção e expressividade.

A maior forma de expressão, convencimento e estratégia católica encontra-se no culto às santas. Esse serve à instituição como forma de fixar valores por intermédio de modelos a serem seguidos pelos fieis. Durante boa parte da história do catolicismo o santo mártir é o principal modelo de santidade, geralmente relacionado a casos de morte bruta, acidentes e casos de superação. Em relação à Maria Elizabeth de Oliveira, a sua santidade gira entorno de sua morte prematura (aos 14 anos), bem como por possuir o dom da previsão. A partir de Chartier (2002), pode-se compreender como em boa parte dos cultos a figura do mártir está pautada em sua morte e em seu sofrimento demasiado. A morte, nesse contexto, algo que é temido pelo humano, por seu desconhecimento, é ressignificada quando tratamos de casos excepcionais como o de Maria Elizabeth.

Em muitas municipalidades é comum a visita, particular ou em grupo, aos cemitérios e túmulos, principalmente no Dia de Finados, a saber, dois de novembro de cada ano. No que se refere às visitas aos jazigos,

se acercan a la tumba de sus seres queridos para mantenerla limpia y adornada con luces y flores, esta visita debe ser una muestra de la relación que existe entre el difunto y sus allegados, no expresión de una obligación, que se teme descuidar por una especie de temor supersticioso.⁸

Como este estudo também é voltado para a temática da morte, faz-se necessário pensar, no que a Igreja diz sobre este e o purgatório. Isso, porque segundo a Igreja Católica, o purgatório é o lugar que a maioria das pessoas teme e em função do qual dispensam suas preces. Por outro lado, quando se trata das devoções às almas de santos e santas de cemitério, o que é o caso do presente estudo, o que se percebe é que estas preces destinam-se muitas vezes a elevar a alma da “santa” ao reino do céus junto a Deus e a todo o seu panteão; o que pode ser comprovado através dos textos contidos nos “santinhos” encontrados no Cemitério Vera Cruz.

8 Disponível em: Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: Principios y orientaciones. <http://www.buenaprensa.com/Content/Images/uploaded/Pdfs/Directorio%20de%20Liturgia.pdf>

Segundo Bettencourt, “os cristãos deram continuidade ao que havia preconizado Judas Macabeu (+ 160 a. C.), que julgava ser útil o sufrágio dos vivos para a purificação dos mortos antes de chegar ao paraíso” (p. 136-137). A partir do que preconizou Macabeu pode-se pensar nos meios do sufrágio do fiel em relação a seus santos, assim como, a Maria Elizabeth; talvez um dos mais fáceis seja a distribuição dos “santinhos” já mencionada anteriormente, o que, entretanto, é dispendioso para quem se encontrasse em certa classe socioeconômica. Além dos ditos santinhos, os feios de cemitério, além do local de culto, não se distinguem dos devotos de igrejas ou de outras religiões. No pagamento de promessas, ou seja, no selar o pacto com a “santa”, estes utilizam-se da distribuição e entrega de velas, flores, placas, fotografias, bilhetes e mesmo cópias de orações escritas a mão, os ex-votos. O ex-voto é um “[...]objeto oferecido ao santo como resultado de uma promessa e de um favor recebido cuja doação havia sido prometida anteriormente. Uma das funções do ex-voto é dar a conhecer o favor recebido, realizado a divulgação dos poderes do santo” (2015, p. 84).

No contexto local, no Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Passo Fundo⁹, entre os de cunho religioso podemos destacar: crenças afro-brasileiras, Benzedeiras/Curandeiras/Rezadeiras, a Marcha para Jesus, Procissão de São Cristóvão, a Romaria Arquidiocesana de Nossa Senhora Aparecida e a Romaria e Festa em Honra a São Miguel Arcanjo. No que se refere ao patrimônio material municipal de Passo Fundo¹⁰, o Jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira (Figura 2) é tombado desde o ano de 2007 através do – Decreto nº 183. Segundo esse decreto,

Art 1º Declara bem integrante do patrimônio histórico-cultural do Município de Passo Fundo, para fins de tombamento provisório, nos termos da Lei nº 2.997/95, a edificação em alvenaria, com área de 19,55m², conhecida como o jazigo de Maria Elizabeth Oliveira, localizada na Quadra 1a-20, junto ao Cemitério Municipal da Vera Cruz. Parágrafo único. As características do jazigo, incluso a volumetria e fachada principal, devem ser preservados, observando o seu aspecto original e a Lei nº 2.997/95¹¹.

No caso de Maria Elizabeth, em que a devoção, é reconhecida como patrimônio (material e imaterial) e os locais de memória são o seu jazigo e o Cemitério Vera Cruz, estes ganham novos usos e se tornam uma espécie de santuário. Para Fabiani (2007), o Cemitério Municipal da Vila Vera Cruz, em Passo Fundo, pode ser considerado um local privilegiado, pois guarda uma qualidade excepcional, única. O Cemitério, nesse caso, representa um dos lugares sagrados que envolvem o fenômeno; tem a intenção de ser como um veículo de passagem e de contato entre os devotos e sua santa. Esse espaço sagrado representa o recinto no qual pode se tornar possível atingir o nível da transcendência.

9 https://www.academia.edu/24251378/Mapeamento_do_Patrim%C3%B4nio_Imaterial_de_Passo_Fundo_RS

10 Segundo informações repassadas em 2015 pela Arquiteta Marielen Colpani, Coordenadora do Núcleo de Patrimônio Histórico da Secretaria de Planejamento da Prefeitura os tombamentos já realizados – em caráter temporário ou permanente – são: Pórtico Nossa Senhora Aparecida – Decreto nº 47/2008; Jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira – Decreto nº 183/2007; Estádio Wolmar Saltom – Decreto nº 108/2007 (não existe mais); Casa Dipp – Decreto nº 89/2007; Silo – Decreto 236/2006; Casa João Café – Decreto nº 235/2006; Ruína – Decreto nº 234/2006; Moinho – Decreto nº 233/2006; Edifício nº 378 Av. General Neto – Decreto nº 232/2006; Igreja Matriz “Nossa Senhora da Conceição” - Decreto nº 231/2006; Casa Morch – Decreto nº 230/2006; Quartel do Exército – Decreto nº 229/2006; Escola Protásio Alves – Decreto nº 229/2006; Caixa D’água – Decreto nº 227/2006; Casa Della Méa – Decreto nº 226/2006; Hotel Glória– Decreto nº 122/2014; Clube Caixerai – Decreto nº 123/2014; Banco Popular – Decreto nº 3911/2002 (não existe mais); Companhia Cervejaria Brahma – Lei nº 3275/1997; Bebedouro – Lei nº 3043/1995; Banco Itaú – Lei nº 2955/1994; Prédio do Texas, do Instituto Educacional – Lei nº2937/1994; Igreja Metodista – Lei nº 2906/1993; Capela São Miguel – Lei nº 2696/1991; Prédio da Antiga Gare – Lei nº2671/1991; Escola Municipal Padre Vieira – Lei nº 2535/1989; Cemitério do Capitão Fagundes dos Reis – Lei nº 7481/1957; Conjunto Arquitetônico (Academia Passo-fundense de Letras, Museu, Teatro) – Lei nº 2608/1990.

11 PASSO FUNDO. Decreto nº 183 de 04 de outubro de 2007. Declara bem integrante do patrimônio histórico-cultural do município, a edificação conhecida como o Jazigo de Maria Elizabeth de Oliveira. Disponível em http://www.pmpnf.rs.gov.br/files/dec_183_07. Acesso em novembro 2018.

Figura 2: Túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira

Fonte: Acervo da autora.

Outro jazigo tombado como patrimônio cemiterial pelo município desde o ano de 2012 é o Mausoléu dos Ex-combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932, que teve seu restauro completo, por uma junta do exército. Construído originalmente para ser o “descanso final” do Capitão Jovino da Silva Freitas (que faleceu na epidemia de gripe espanhola de 1918), o mausoléu foi doado anos mais tarde pela própria esposa ao III/8º Regimento de Infantaria do Exército, a fim de guardar as ossadas de pracinhas de guerra. Em entrevista da época da entrega da reforma, o ex-prefeito Airton Dipp salientou que:

Foram combatentes e pracinhas da revolução de 1932 que orgulham Passo Fundo. Este Mausoléu foi doado ao Exército nacional e isso é uma homenagem aos que fizeram parte da História de Passo Fundo. Fica o registro e os nossos parabéns ao Exército e à família¹².

Para Tedesco, “se refletirmos sobre o que se convencionou chamar “memória patrimonial”, veremos que essa é uma memória social, quando não coletiva, de um grupo bem identificado e expresso pelos símbolos cristalizados e referidos” (2011, p. 49), a exemplo do Mausoléu (Figura 3).

¹² Disponível em <http://www.pmpf.rs.gov.br/interna.php?t=19&c=11&i=5642> Acesso em novembro 2018.

Figura 3: Mausoléu dos Ex-combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932



Fonte: Acervo da autora.

Nesse contexto, segundo Tedesco:

há um culto aos templos, aos obeliscos, a torres funerárias, como se estivessem confrontando a aceleração dos tempos, a transitoriedade da vida moderna. Desse modo, alguns monumentos são facilmente deslembados ou derrubados, enquanto permanecem “figuras do esquecimento” (2011, p. 52)

Isto, pois seu significado esvaiu-se no transcorrer no tempo ou na memória social. Nessa conjuntura, torna-se fundamental para a permanência de um bem, de um patrimônio, de uma memória, a constante repetição e a reatualização da lembrança através de seus rituais de comemoração. No caso do Cemitério Vera Cruz, em Passo Fundo, esta rememoração e comemoração acontece principalmente a cada dia dois de novembro, pois, se os rituais de lembrança não se mantiverem, a memória dos tempos pode ser relegada ao esquecimento (HALBAWACHS, 1990).

Esta memória patrimonial reflete as representações que os grupos sociais fazem de si mesmos, que na verdade são reflexos dos seus modos de ser, de seus objetos, de seus valores, enfim, de sua identidade. Nesse contexto, toda a cultura humana, todo o fazer humano pode tornar-se digno de ser eleito patrimônio e assim, digno de preservação e propagação às gerações posteriores. Assim, quando um fazer, uma estátua, um jazigo, um monumento tornar-se patrimônio de um grupo, é ele que fará a ligação entre os partícipes deste grupo, desta coletividade, bem como, dará a noção de continuidade entre as sociedades pretéritas, presentes e futuras (quem sabe). Tudo isso, porque, o patrimônio nada mais é, do que uma herança do passado para o presente e que almejamos legar as próximas gerações, pois, trata-se do um conjunto de bens, sejam estes materiais ou imateriais que identificam uma comunidade frente aos demais e que expressam a sua identidade. O patrimônio cimiterial, nesse contexto, é um bem precioso e silencioso, é uma expressão de um tempo, uma memória, um viver.

A ideia central que perpassa todo este estudo constitui-se da reflexão de que a partir dos três objetos de estudo, a saber, Jazigo (devoção) de Maria Elizabeth de Oliveira, Mausoléu dos Ex-combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932 e Túmulo/Urna “78”; o que é eleito e conseqüentemente preservado e valorizado enquanto patrimônio está, na verdade, completamente relacionados com o que selecionamos devido à atribuição de determinados valores, sejam estes estáticos, arquitetônicos, históricos, etc. Um bem, um objeto, um jazigo, um monumento, uma memória, uma crença só é verdadeiramente rejeitada e posteriormente esquecida quando não mais reflete os valores, desejos, anseios e projeções da comunidade que o elegeu enquanto patrimônio. Para Tedesco, citando Abreu e Chagas, “as memórias que envolvem patrimônio coletivo, podem construir mitos entorno de figuras que encarnam grupos, coletividades, heróis sacralizados” (2004, p. 29). Nos dois primeiros casos, o patrimônio cemiterial tende a ser legado as próximas gerações, mas no caso da memória dos ocupantes do Túmulo/ Urna 78, só o tempo dirá. Nesse contexto, devemos lembrar do/dos imaginário/os em torno da morte e da crença em algo que excede a compreensão humana.

Referências

- ACOSTA, Alexandre Chies. **Minha experiência de Deus e os sinais de Maria Elizabeth de Oliveira**. Bento Gonçalves, 2009. www.mariaelizabeth.net/livros/livro_1.pdf
- ANDRADE, Solange Ramos de. Religiosidade católica e a santidade do mártir. **Projeto História**, SP, n.37, p.237-260, dez., 2008.
- ANDRADE, Solange Ramos de. O menino da tábua. Passo Fundo. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, 2006.
- ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BACCIN, Diego José; BATISTELLA, Alessandro. **História, Memória e Representações**-uma análise dos monumentos em Passo Fundo. Passo Fundo: Saluz, 2016.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Maria Elizabeth de Oliveira: uma estrela no céu**. 30 ed. Passo Fundo: Berthier, 2001.
- BATISTELLA, Alessandro. **Movimento operário em Passo Fundo (1920-1964)**. Passo Fundo: Méritos, 2008.
- BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)**. Passo Fundo: Méritos, 2011.
- CERTEAU, Michel de. “A beleza do morto”. In: **A cultura do plural**. Campinas: São Paulo, Papyrus, 1995.
- CHARTIER, Roger. À beira da falésia: A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.
- D’AVILA, Ney Eduardo Possapp. **Cabo Neves: fundador da cidade de Passo Fundo**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2015.
- DIEHL, Astor Antônio. **Passo Fundo: uma História várias questões**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.36.
- FABIANI, Márcia. **Maria Elizabeth de Oliveira: a construção do imaginário, da devoção e da santidade**. Passo Fundo. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, 2006.

FABIANI, Márcia. Passo Fundo: Mais que terra de passagem, terra da santinha Maria Elizabeth de Oliveira: a santa de casa que faz milagres. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Passo Fundo, sua história:** indígenas, caboclos, escravos, operários, latifúndios, expropriações, território, política, poder, criminalidade, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia impressa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo, identidade. Passo Fundo: Méritos, 2007.

FABIANI, Márcia. Maria Elizabeth de Oliveira: religiosidade, devoção e a experiência do milagre em torno da “santinha” de passo-fundense. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**, Associação Nacional de História- ANPUH, 2007. <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0148.pdf>>.

GRAVIERS, Bernard des; JACOMET, Thierry. **Os santos e seus símbolos**. Coleção Grandes Livros da Religião. Trad. Angela Zarete. Barcelona: Folio, 2008, p.159.

GUEDES, Augusto Diehl; CARVALHO, Djiovan Vinícius. **Alegorias do passado:** o patrimônio Histórico em Passo Fundo. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita P. (Org.). **Momento Patrimônio:** volume III, Ed. Erechim, Graffoluz, 2015.

KRAMER, Mara; WAIHRICH, Lorena Postal. **Arquitetura Urbana de Passo Fundo:** 1865-1965. Passo Fundo: Berthier, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Campinas, UNICAMP, 1990.

LECH, Osvandré (Org.). **150 Momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo, Méritos, 2007.

MIRANDA, Fernando. Uma visita ao passado. In: GARBELOTTO, Sammara. **Jornal O Nacional**. Passo Fundo: 29/10/2014.

MONTEIRO, Paulo. A primeira santa popular Passo-fundense. In: LECH, Osvandré (Org.). **150 Momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo, Méritos, 2007, p. 122-123.

MONTEIRO, Paulo. Maria Elisabeth de Oliveira. In: LECH, Osvandré (Org.). **150 Momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo, Méritos, 2007, p. 318-319.

MORENNO, Pablo. **Maria Elizabeth de Oliveira**. 150 Momentos mais importantes da História de Passo Fundo, 1994.

MOTTA, Antônio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 16, n. 33, jan./jun.2010, p. 55-80.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EDUCS; Passo Fundo: UPE, 2004.

VOVELLE, Michell. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto**. Trad. De Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: UNESP, 2010, p.35.

ZANOTTO, Gizele. **Mapeamento do patrimônio imaterial de Passo Fundo**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016.

ZANOTTO, Gizele. Espaços cimiteriais em evidência: de lugar de lembrança a local de conhecimento. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita P. (Org.). **Momento Patrimônio:** volume III, Ed. Erechim, Graffoluz, 2015.

ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita P. (Org.). **Momento Patrimônio:** volume II. Passo Fundo: Ed. Bertier, 2013.

Recebido em 26/09/2018.

Aceito em 20/12/2018.